

O arpejo mimoso
Da harmonica lyra
Não vale o ruído
De um beijo de Elvira.

As chammas do raio,
Que rapido gyra,
Não valem o fogo
De um beijo de Elvira.

O nectar, que aos Deuses
Languor terno inspira,
Não vale a embriaguez
De um beijo de Elvira.

II.ª CANÇONETA.

O Retrato.

De amor por ordem
A Marcia bella
Em fina téla
Vou retratar.

Vós que ao redor
Lhe andaes nas tranças
Co'as auras mansas
Rindo a brincar:

Subtis amores,
Deixai-as ora :
Ide da amora
A côr buscar.

Pintar com ella
Quero o cabello,
Que a vista ao vel-o
Faz enlear.

Os longos fios
De quando em quando
Vereis fluctuando
Prisões armar.

A lisa testa ,
Feliz assento
Do pensamento ,
Vêe-se alvejar.

Para ella a côr,
Que a tem assim,
Do mogorim
Vinde-me dar.

Bem como strelas,
Que o Céu adernam,
Idéas a ornam,
Menos de amar.

Não vos esqueçam
Purpureas rosas
Para as formosas
Faces corar :

Faces aonde
Tenta o desejo
Timido bejo
Ir assaltar.

Mas vós de assombro
Paraes, amores?
Ide os fulgores
Ao sol roubar :

Ide, que eu quero
Pintar-lhe os olhos,
Que podem mólhos
De settas dar.

Ah! té parece,
Que já se movem,
Que d'elles chovem
Farpões ao ar!

A bocca breve,
Que é toda mel,
Falta ao pincel,
Com que imitar.

Desmaia o cravo,
Morre o carmim,
Onde o rubim
Só tem lugar.

Trazei-me pois
Os do Oriente
Filhos do ardente
Raio solar.

E logo um riso
Dos lábios nasça
Com tanta graça,
Que obrigue a amar.

A voz mimosa,
Ou cante ou falle,
Aroma exhale,
Perfume o ar.

Dos alvos dentes
De fino esmalte
A luz resalte,
Que faz cegar.

Para imital-os,
Como careço,
Perolas peço
De Manaar.

De fino jaspe
Branços pedaços
Roliços braços
Venham formar;

Braços tyrannos,
Que prisões negam,
E si se entregam,
É por zombar.

Porém que estranho
Suave enleio!
Quem é que o seio
Póde pintar?

Quem sem convulsos
Sentir effeitos
Os niveos peitos
Ousa encarar?

Numes dos Céos,
Vós que os fizestes,
Vinde-me prestes
A mão guiar.

Já do marfim (1)
Dous globos tomo;
Vou-lhes do pomo
A forma dar.

Limões, que tremem
N'um ramo imita,
Quando palpita
O niveo par.

Da vista encanto,
Prazer do tacto,
Nobre recato
Sabe-os guardar.

Sómente é dado
Ao pensamento
O atrevimento
De os contemplar.

Vou pois... mas Céos!
Que mão cruel
Ora o pincel
Me vem tirar?

Tyranno amor,
Si era teu gosto
Este composto
Não acabar ;

Não me incumbisses
Empreza assim ;
Mas eu, teu fim
Sei penetrar :

Sei que não queres,
Que acabe a obra.
Porque o que sobra
Póde matar:

Mate-me embora,
Mas deixa ao menos
Os pés pequenos
Delinear:

Pés, a que leda (2)
A flôr mimosa
Se dobra anciosa
Para os beijar.

VARIANTES.

(1) Da neve a alvura
Para elles tomo
Vou-lhes do pomo
A forma dar.

(2) Pés, a que ledas
Graças e amores
Espalham flôres
E os vem beijar.